

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Organização da Missão
de Moçambique

Pag. 3

No IV Centenário da
Matança de S. Bartolomeu

Pag. 6

SE EU FOSSE JESUS...

Fosse eu Jesus do céu e não viria
À terra nua, desolada e fria,
Sem vir em glória, como pertencia
A Deus, Senhor eterno.
Não viria de noite nem no inverno,
Quando as neves e os ventos,
Caindo em tempestade sobre o mundo,
Esfarrapam as nuvens das alturas,
Deixam as coisas mansas às escuras
E atiram barcos ao fundo.
Não nasceria entre animais reunidos
Dentro de triste gruta abandonada,
E tão perto dos ódios desabridos
Que puseram, em todos os sentidos,
As pombas de Belém em debandada.

Antes viria em carro de esplendores,
Com anjos a seguir o meu caminho,
Para arranjamem, num jardim de flores,
Um berço de oiro com lençóis de linho ...
Ordenaria aos ventos que parassem
Ou apenas cantassem.
À minha roda, com a voz do mar.
Os profetas do Velho Testamento
E as virgens todas de Jerusalém,
Que viessem também
Louvar o nascimento.
Todas as terras transformava em céus
E as próprias noites transformava em luz.

Mas Deus fez o contrário, porque é Deus,
E eu não sou Jesus!

Moreira das Neves

SUMÁRIO

Agradecimento e Louvor
Organização da União de Moçambique
Quatro textos no seu contexto
Seguro Social Divino
No IV Centenário da Matança de S. Bartolomeu
Em favor da Obra em Angola
Através do Mundo Adventista
História do Mês
Notícias do Campo

REVISTA ADVENTISTA

Publicação mensal

DEZEMBRO DE 1972

ANO XXXIII

N.º 315

Director:

ERNESTO FERREIRA

Administrador:

JOAQUIM DIAS

Proprietária:

PUBLICADORA ATLÂNTICO

S. A. R. L.

Redacção:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
L I S B O A

Administração:

RUA JOAQUIM DIAS SOUSA
RIBEIRO, LOTE 18, 1.º
S A C A V É M

TIP. ANTUNES & AMÍLCAR, LDA.

Composto e impresso na

Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Assinatura anual: 40\$00

Estrangeiro (excepto Brasil e Espanha): 55\$00

Número avulso 4\$00



Agradecimento e Louvor

Ao chegarmos ao fim de mais um ano estamos gratos ao Senhor por tudo quanto Ele fez em favor do campo que representamos.

Em primeiro lugar, desejamos agradecer-Lhe pelo que foi possível realizar-se no sector da evangelização no nosso país.

Em todas as igrejas se realizaram em 1972 duas Campanhas de Reavivamento e Evangelização, cujos resultados se fizeram sentir não só na vida espiritual das diferentes congregações mas também em novas decisões em favor de Cristo.

Algumas séries de reuniões efectuaram-se sob a égide da «Voz da Esperança», tendo sido particularmente frutíferas as que tiveram lugar em Espinho durante o mês de Novembro.

Os vários «Planos de 5 Dias» levados a efeito durante este ano foram uma positiva bênção. Não só numerosos fumadores abandonaram o seu nocivo hábito; muitos deles passaram a frequentar as nossas igrejas.

A obra das Publicações atingiu este ano números que nunca haviam sido alcançados. É de salientar a actividade estritamente missionária exercida por bom número de colportores, resultando em almas ganhas.

É assim que, até à data em que redigimos estas linhas, se registaram 330 baptismos em nosso campo. Cada pessoa que, pelo baptismo, deu o seu testemunho público de fé e obediência representa uma autêntico milagre da graça de Deus.

As actividades internas da igreja conheceram durante este ano novos êxitos.

Assim, por exemplo, merecem registo especial os Congressos Regionais que pela primeira vez se realizaram no nosso país. A afluência aos congressos do Porto, Costa de Livos e Lisboa levou-nos à conclusão de que, de futuro, teremos de alugar recintos fora das nossas igrejas para tais concentrações.

Por outro lado, os Encontros Nacionais de Jovens se, por um lado, trouxeram nova vida à juventude, constituíram, por outro, manifestações eloquentes de quanto as novas gerações se preocupam com os problemas peculiares do nosso tempo e desejam tomar uma parte activa na realização do programa adventista.

Várias igrejas tiveram ocasião para aprofundar a sua vivência religiosa estudando sistematicamente as mensagens do Espírito de Profecia de acordo com o plano «Diálogo com os Testemunhos». Outras conheceram assim a lada das bênçãos pondo em prática novos aspectos do Plano da Mordomia.

Por tudo quanto foi feito não temos palavras com que agradecer ao Senhor. Como o salmista, exclamamos: «Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao Teu nome dá glória.» Sal. 115:1.

Resta-nos agora olhar para o futuro—para Missão 73. Que as nossas energias, talentos e meios sejam dedicados Àquele que tudo sacrificou por nós e a quem temos o privilégio de servir.

ERNESTO FERREIRA

ORGANIZAÇÃO DA UNIÃO DE MOÇAMBIQUE

por C. L. Powers - Presidente da Divisão Euro-Africana

Em 8 de Agosto de 1972, uma comissão de dezassete obreiros e leigos reuniu-se no escritório da sede em Lourenço Marques para completar a obra de reorganização da Missão de Moçambique numa união de missões. Henrique Berg, o dinâmico presidente recentemente chegado do Brasil, e João dos Santos, o competente secretário-tesoureiro, tinham preparado tudo para esta reunião.

A comissão estudou cuidadosamente a geografia física do país, tomando em consideração os problemas de transporte e comunicação para atingir os seus mais de oito milhões de habitantes com a mensagem evangélica. Concordaram que seria melhor para o desenvolvimento futuro da obra dividir a área geograficamente em três secções e estabelecer planos de acordo com a organização das missões do Norte, Centro e Sul de Moçambique.

O escritório da Missão do Norte funcionará em Mocuba, com A. N. Pires como presidente e J. A. Vieira como secretário-tesoureiro. Foi no distrito de Zambézia, pertencente ao território desta missão, que a Igreja Adventista do Sétimo Dia estabeleceu a obra em Moçambique. Com autorização do Governador-Geral, Max Webster estabeleceu a Missão de Munguluni (Luz) em 1933 e mais tarde uma escola em 1940. Hoje a Missão do Norte tem 11 797 membros adorando em 39 igrejas organizadas. O ano passado 1 185 novos membros foram acrescentados à igreja pelo baptismo, a maior parte dos quais foram ganhos pelos leigos. O seu alvo para 1972 é de 1 300 baptismos.

A primeira escola, conhecida como Escola de Treino da Missão de Munguluni, foi oficialmente reconhecida em 1963, quando tinha apenas 25 alunos matriculados. Hoje tem uma frequência de 350 alunos. Sessenta meninas são alojadas em quatro quartos; com frequência três meninas têm de partilhar uma só cama.

A Missão do Centro, com A. N. Nunes como presidente, funciona desde a Beira, a segunda cidade mais importante de Moçambique. Esta atractiva cidade da costa é frequentada cada no por milhares de turistas vindos da Rodésia e da África do Sul. Há cerca de um ano, o Pastor Nunes teve um contacto com o gerente da estação de rádio e ofereceu-se para preparar um programa semanal infantil sem qualquer encargo financeiro para a estação. O programa de trinta minutos que o Pastor Nunes e a sua

esposa apresentaram em breve se tornou conhecido como a Hora Adventista. Tão popular se tornou entre os ouvintes que agora estão irradiando três programas por semana. O Pastor Nunes e o autor deste artigo visitaram o gerente da estação de rádio para agradecer a sua amabilidade em conceder este tempo gratuitamente. Profundamente impressionado, o gerente prometeu que os adventistas teriam sempre o melhor acolhimento. E então expressou o seu apreço pelo que a Igreja está fazendo na Beira.

Na quarta-feira à noite realizou-se um culto invulgar na pequena igreja africana — a inauguração da instalação eléctrica. Interessado na obra da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o dirigente de uma grande companhia construtora da cidade tinha-se oferecido para fornecer luz à igreja. No fim da cerimónia, aquele senhor foi chamado à frente e foi-lhe oferecido um exemplar autografado da Santa Palavra de Deus. Apertando a Bíblia contra o seu coração, ele disse então: «Esta é a mais preciosa oferta que recebi em dias de minha vida».

No final da hora de culto, esse senhor convidou o presidente da missão e o autor deste artigo para irem a sua casa na manhã seguinte e verem a sua grande fazenda e o seu moderno equipamento agrícola. Quando chegaram, deu-lhes um cordial acolhimento. Depois de visitarem a fazenda, fez diversas perguntas acerca dos Adventistas do Sétimo Dia, às quais os ministros visitantes responderam com todo o prazer. Estes falaram e oraram com aquele senhor. Então confessou que no dia anterior ele e sua família tinham concordado em guardar das suas receitas apenas o suficiente para cuidar das suas necessidades e dar o resto para ajudar causas dignas de auxílio. O seu interesse em dar já se tinha demonstrado pela sua oferta à vizinha igreja africana. Possa este espírito levá-lo a uma decisão ainda maior na sua vida.

Também na Missão do Centro se encontra Vila Pery, cidade onde ainda não temos o trabalho organizado. Ali os representantes da igreja tiveram uma entrevista com o administrador. Ao chegarem, foram introduzidos no gabinete do administrador para uma visita informal. Ele imediatamente fez toda a espécie de perguntas acerca da obra da Igreja Adventista do Sétimo Dia naquela parte de Moçambique. Tendo antes

(Continua na pag. 17)

QUATRO TEXTOS NO SEU CONTEXTO

por Kenneth H. Wood

Muitos cristãos encontrariam um novo interesse no estudo da Bíblia pelo simples processo de lerem certos textos familiares no seu contexto. Nalguns casos descobririam que (1) o texto não quer dizer o que pensavam; (2) por vezes é aplicado fora do contexto; (3) tem um significado mais profundo que aquele que lhe atribuíamos. Para ilustrar este assunto, consideremos quatro exemplos.

O primeiro encontra-se em 1 Coríntios 3:17: «Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo.» De que nos está a falar o apóstolo Paulo? Não do corpo humano, mas da igreja. E por isso quando Paulo admoesta: «Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá,» está a afirmar: «É uma coisa grave enfraquecer ou minimizar a igreja com inveja, contendas e dissensões» (verso 3). A igreja é o templo de Deus; e Deus destruirá aqueles que pela prática da dissensão, destruírem a igreja. Diz o Comentário Adventista: «É uma coisa terrível trazer o opróbrio sobre a igreja de Deus. Aqueles que pelas suas palavras ou pelo seu exemplo destruírem o que Deus edificou são denunciados como merecedores do mais severo castigo.» Comentário sobre 1 Coríntios 3: 17.

Sem dúvida que o corpo é o templo do Espírito Santo; Paulo mostra isso claramente em 1 Coríntios 6:15, 20. Mas em 1 Coríntios 3 está a falar de um corpo diferente — a igreja.

Analisemos agora Coríntios 15:31: «Cada dia morro». Para a maioria dos cristãos este texto significa que devemos crucificar o próprio eu cada manhã, deixando que Cristo viva dentro de nós (tal como é expresso em Gálatas 2:20). Homileticamente, esta interpretação é suficientemente legítima, mas exegeticamente é superficial. Além disso, no contexto o versículo quer dizer algo completamente diferente. Em 1 Coríntios 15 o apóstolo Paulo discute o assunto da ressurreição. Por um lado argumenta acerca da certeza da ressurreição. Afirma que assim como Cristo morreu e ressurgiu do sepulcro, também todos os que morrerem em Cristo ressuscitarão.

Paulo refere-se depois à sua própria experiência. Diz que a sua vida tem sido de perseguição, de dificuldade, de embaraço, de provação, de perigos físicos, de trabalho, de prisão (e certamente não lhe faltam documentos para o provar; ver 2 Coríntios

11: 23-28; 4:8-11). Por amor de Cristo põe cada dia a sua vida em jogo. Desprezando a vida fácil, arrisca-se diariamente a fim de partilhar com os outros as boas novas da salvação. Esta experiência de «morte viva» é apresentada como argumento da ressurreição. Paulo está a dizer que «seria irracional para mim passar por tantos riscos por causa de um ensinamento falso. O facto de estar disposto a 'morrer diariamente' por esta doutrina mostra bem quão profundamente creio nela.»

Um terceiro texto que é rico em significado quando examinado no seu contexto é o que vem em 1 Pedro 2:21: «Porque para isto sois chamados; pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as Suas pisadas.» Isolado, este versículo diz que pelo facto de Cristo ter sofrido, os Seus seguidores devem também contar com o sofrimento.

Mas esse não é o ponto central do raciocínio de Pedro. Pedro fala sim da maneira com devemos reagir quando somos maltratados. Diz que se uma pessoa se submeter humildemente ao sofrimento resultante da sua conduta, não faz nada especialmente notável; afinal de contas, tem «o seu salário». Mas quando uma pessoa não faz nada de mal, e apesar disso sofre, então é recomendável uma reacção paciente, sem represália. Pedro apresenta a Cristo como o nosso exemplo neste assunto: «O qual não cometeu pecado, nem na Sua boca se achou engano. O qual, quando O injuriavam, não injuriava, e quando padecia não ameaçava, mas entregava-Se Àquele que julga justamente» (Versos 22, 23). «Ao enfrentar a injustiça Cristo deu o exemplo perfeito de como suportar o sofrimento por amor à justiça ... Fez face aos sarcasmos e às insinuações malignas sem exercer represálias. Perante a mesquinhez dos homens respondeu com um amor magnânimo. Sofreu pacientemente, na certeza que Deus faria todas as coisas contribuir para bem.» — *The SDA Bible Commentary*, sobre 1 Pedro 2:21.

Na realidade o verso 21 diz-nos mais em relação à nossa situação «presente» quando interpretado no seu contexto, do que quando o lemos separadamente. Isoladamente, parece salientar um tempo vago no futuro quando os cristãos forem perseguidos como o foi Jesus. Mas no contexto o versículo diz: «Não retribuiais da mesma maneira quando

(Continua na pag. 17)

«Fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se Eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós uma bênção tal que dela vos advenha a maior abundância.»

(Malaquias 3:10)

Muitos dos que lêem esta surpreendente promessa dada pelo profeta Malaquias parecem hesitar em considerar o seu lado material e não se interessam senão pelo seu aspecto espiritual. Isso é tanto mais surpreendente quanto é certo que no versículo seguinte Deus menciona «o devorador» e a vinha, e os seus produtos. Os que assim se esforçam por desassociar o material do espiritual obstruem o suprimento dos recursos ilimitados que Deus põe à nossa disposição.

Deus prometeu que se nos tornássemos canais pelos quais as Suas bênçãos fluíssem, nunca teríamos falta de coisa alguma. Mas um canal que pelo seu egoísmo conserva para si só o que recebeu de Deus, não somente priva o mundo das ricas reservas divinas, mas priva-se a si próprio de bênçãos maiores.

Há algum tempo, os habitantes de uma cidade que era abastecida de água por um grande reservatório, notaram uma certa diminuição no fornecimento de água das suas torneiras. O reservatório não tinha falta de água, mas esta não conseguia chegar à cidade. Abriu-se então a conduta que levava a água à cidade. Era um canal com um metro e vinte de diâmetro que a corrosão interior havia reduzido a quinze centímetros.

Acontece o mesmo com as condutas de Deus quando o egoísmo seca a torrente das bênçãos divinas. Não somente o mundo sofre, mas o próprio intermediário é atingido.

Deus confia aos Seus mordomos tanto quanto podem gerir sãbiamente. À medida que o mordomo desenvolve sua capacidade, Deus outorga-lhe mais. Não pertence ao mordomo avaliar as suas capacidades. Deus pede simplesmente a cada um que faça o que estiver ao seu alcance, e Ele porá à nossa disposição recursos ilimitados. Qualquer que seja a tarefa é Deus que é responsável pela sua realização. E os meios que emprega ultrapassam a imaginação e o entendimento humanos.

Um pequeno grupo de crentes tivera até ali um simples apartamento como lugar de culto. Desejavam uma verdadeira igreja. Reunindo os seus magros recursos puderam finalmente comprar um terreno em conta num dos bairros residenciais da sua pequena cidade.

Conseguiram mesmo economizar o bastante para lançar os alicerces e levantar as paredes da cave. Colocaram o soalho, que pensaram cobrir dum material impermeável de modo a poderem usar esse subsolo como lugar de culto enquanto não tivessem algo de melhor.

Enquanto os homens trabalhavam neste projecto, uma das senhoras informou-se junto de um empreiteiro local acerca da impermeabilidade em madeira ou em tijolo. A senhora respondeu que deveria ser em tijolo, mas que de toda a maneira isso não ia ser num futuro próximo porque não tinham dinheiro suficiente senão para a cave. No dia seguinte de manhã, os tijolos eram entregues no local da obra.

Os próprios vizinhos deram os seus serões e domingos e em breve as paredes foram levantadas. Os materiais para o avanço da construção iam chegando à medida que eram precisos. Parecia que toda a cidade estava interessada nesta pequenina igreja. Finalmente, tudo ficou pronto. Só faltavam as portas e as janelas. No dia seguinte de manhã, uma camiãõ depunha no terreno as portas e as janelas.

No primeiro dia que os crentes tiveram o culto na sua nova igreja tudo estava acabado. Eles haviam feito a sua parte e Deus fizera o resto.

Se temos suficiente fé para agir apoiando-nos sobre as promessas de Deus, a nossa recompensa será sem limites. Ao desesperado pai que se tinha dirigido a Jesus para a cura de seu filho possesso, Jesus disse: «Se tu podes! Tudo é possível ao que crê.» (Marcos 9:23).

Disse-me um dia uma idosa avó da Pensilvânia: «Quando ouvi falar de possibilidades ilimitadas, disse para comigo: Isto não me diz respeito. Tenho tão poucas disponibilidades! A minha pensão mal me chega para pagar o meu alojamento e a minha alimentação. Não, com certeza que isto não é comigo». Mas, quanto mais ela pensava no assunto, mais se perguntava

(Continua na pag. 18)

NO IV CENTENÁRIO DA MATANÇA DE S. BARTOLOMEU

por Ernesto Ferreira

Passando-se este ano o quarto centenário da Matança de S. Bartolomeu, cremos ser oportuno, para elucidação dos novos, recordar alguns acontecimentos com ela relacionados.

Foram numerosos os crentes perseguidos, condenados e supliciados durante os quarenta primeiros anos do protestantismo em França, ou seja, desde 1523 a 1560. Apenas a eternidade nos revelará o número exacto dos mártires que ali perderam a sua vida pela fé. Sabemos, porém, por exemplo, que em 1546, num só dia, foram queimados 14 em Meaux. Em apenas dois anos, o Parlamento de Paris pronunciou cerca de 500 condenações, das quais pelo menos 68 à morte. Muitos desses suplícios foram descritos pelo francês Jean Crespin, no *Livre des Martyrs* por ele publicado em Genève. Aí se conta a história de 789 mártires, executados por sentença de juízes, além do fim de 2120 outros cristãos evangélicos que foram afogados, queimados, precipitados, enforcados ou massacrados sem forma de processo.

Entre esses heróis da fé contavam-se monges, padres, sábios, advogados, nobres, médicos, livreiros, estudantes de Teologia, pastores, vendedores ambulantes e trabalhadores das mais variadas profissões.

Apesar de todas as perseguições, a causa protestante avançava, ganhando pessoas altamente colocadas na corte e pondo em perigo privilégios e situações que datavam de longos séculos.

Daí as guerras religiosas que ensanguentaram a França desde o Massacre de Vassy, em 1562, até pouco antes do Edicto de Nantes, de 1598, destacando-se como episódio saliente a Matança de S. Bartolomeu, em 1572.

Nos Bastidores do Grande Drama

Reinava então em França Carlos IX, que à data contava 22 anos, inteiramente dominado por sua mãe, a italiana Catarina de Médicis. Perto deles, Henrique, Duque de Anjou, irmão do monarca, e o Duque de Guise, que era considerado o chefe militar dos católicos.

Do lado protestante, havia, como elemento saliente, Henrique de Béarn, rei de Navarra, que mais tarde, depois de ter abjurado, veio a ser rei de França com o

nome de Henrique IV. A este grupo pertencia também o Almirante Gaspar de Coligny, da família dos Chatillon, rivais da casa de Guise.

A medida que a influência protestante ia aumentando, ia também tornando-se maior a tensão entre os adeptos das duas confissões religiosas em presença.

Pensou-se por um momento que essa tensão poderia terminar ao realizar-se o casamento do protestante Henrique de Navarra com a católica Margarida de Valois, filha de Catarina de Médicis e irmã de Carlos IX. As cerimônias e festejos decorreram em Paris, no dia 18 de Agosto de 1572. Grande número de protestantes, vindos de toda a França para assistir à solenidade, enxameavam então na capital.

Mas, longe de terminar com os litígios, foi essa precisamente a ocasião escolhida para a execução de um vasto plano de extermínio.

Apenas se aguardava o momento oportuno, e esse momento chegou poucos dias depois, em 22 de Agosto, pelas 11 horas da



Carlos IX

manhã, quando Coligny saiu de sua casa e se dirigia ao palácio real do Louvre. Ao passar pela Rua de l'Autriche, um tiro partiu de uma pequena janela, atingindo-o. Levado à pressa para sua casa, ali foi tratado com toda a solicitude pela cirurgia real Ambrósio Paré, também protestante.

Quando o rei teve conhecimento do ocorrido, exclamou: — Nunca mais terei tranquilidade!

Ele, que tinha grande consideração por Coligny, logo ao princípio da tarde foi visitá-lo, acompanhado pela rainha-mãe e pelo duque de Anjou, seu irmão.

Ao entrar no quarto do doente, enquanto se aproximava para beijar Coligny, dirigiu-lhe as seguinte palavras: — Meu pai, se o ferimento é vosso, a dor é minha! Mas, por Deus, vingarei tão severamente este ultraje, que dele ficará memória para sempre!

É de crer que Carlos IX tenha sido sincero ao pronunciar essas palavras. Mas atrás dele estava Catarina de Médecis, e esta, com o duque de Anjou, havia preparado o atentado e decidira exterminar os protestantes ...

Depois de algumas frases trocadas na presença de todos os que enchiam o quarto, Coligny manifestou o desejo de ficar a sós, durante uns momentos, com o rei. Do que então foi dito ninguém tomou conhecimento directo. Certamente Catarina e o duque de Anjou, que passaram pela humilhação de, também eles, saírem do quarto, podiam adivinhar algo do que o venerável almirante confidenciava aos ouvidos do monarca ...

Ao regressarem ao palácio real, Carlos IX dirige-se imediatamente aos aposentos de sua mãe.

— Meu Deus — exclamou ele, exaltado. O que o almirante diz é bem verdade. Todo o manejo do assunto está nas vossas mãos e nas de meu irmão (o duque de Anjou). Mas eu tomarei precauções, conforme para isso me advertiu, antes de morrer, o meu melhor e mais fiel súbdito.

Ditas essas palavras, saiu abruptamente.

Catarina de Médecis sentia, pela primeira vez na vida, sair-lhe das mãos o poder. Naquela mesma noite, decidiu com os italianos Condi, Gonzaga e Birague pôr em imediata execução o plano de um extermínio geral dos protestantes.

No dia seguinte, 23, toda a capital estava em agitação. Ordens secretas eram dadas e por todos os bairros eram distribuídas armas.

Foi então que Catarina, maquiavêlicamente, interveio junto do rei. Para obter o seu assentimento, quis convencê-lo de que os huguenotes — os protestantes — preparavam uma conspiração contra ele, para



Gaspar de Coligny

o deporem, em virtude do apoio que ele dava a Coligny.

Pouco depois chegava Condi, que tinha toda a confiança com Carlos IX, e levou-o a crer que a única maneira de conjurar o perigo seria executar sem perda de tempo os principais calvinistas.

Num acesso de desespero, Carlos IX — novo Pilatos — acabou por ceder, exclamando:

— Por Deus! Já que quereis que se mate o almirante, eu também quero. Mas também todos os huguenotes da França, a fim de que não fique sequer um que me censure depois! Por Deus, dai já as necessárias ordens.

Havia agora apenas que ultimar os preparativos até aos últimos pormenores e distribuir as diversas missões para a execução da matança, que ficou prevista para o dia seguinte, 24, ao amanhecer, devendo o sinal ser dado pelo sino do Palácio da Justiça.

A Hecatombe

Tendo rebentado rixas em diversas partes de Paris, desde a uma hora da manhã, o morticínio começou mais cedo do que fora combinado.

À uma e meia, soava no silêncio da noite o toque do sino de Saint-Germain l'Auxer-



A Matança de S. Barlomeu, segundo um desenho da época

rois. O do Palácio da Justiça logo respondeu e seguiu-se o dos sinos de todas as igrejas da cidade.

Por toda a parte se ouvia o tinir das espadas, os tiros de pistola e arcabuz, os gritos dos assassinos e os estertores dos moribundos.

O duque de Guise logo se dirigiu com trezentos soldados à casa de Coligny. Um dos espadachins enterra a espada no peito do almirante, retira-a e depois pica-lhe com ela o rosto. Todos lhe vibram golpes. Lançado da janela à rua, o almirante exala o último suspiro. O duque de Guise, depois de o pisar, monta a cavalo, e grita:

— Coragem, soldados! Começámos bem! Vamos aos outros, porque o rei ordena-o!

Todas as casas dos protestantes são assaltadas e rebuscadas. Surpreendidos, os moradores são impietosamente assassinados com as suas mulheres e os seus filhos.

A confusão era indescritível.

«O ruído contínuo dos arcabuzes e das pistolas — escreve o contemporâneo Tavnanes —, os gritos lancinantes dos que eram chacinados e os berros dos assassinos, os corpos dilacerados caídos das janelas ou arrastados para o rio, a pilhagem de mais de seiscentas casas, faziam com que Paris se assemelhasse a uma cidade tomada de assalto. As ruas transbordavam de sangue, formavam-se torrentes, sobretudo no pátio e nas proximidades do Louvre. O rio estava todo vermelho e coberto de cadáveres...»

Pouco depois do meio dia, Carlos IX mandou proclamar por toda a cidade que cada um regressasse a sua casa. Mesmo assim ainda se verificaram mortes na noite seguinte, tendo a matança terminado em Paris apenas em 26 de Agosto.

Número de vítimas

Não se sabe ao certo quantos huguenotes foram massacrados na capital. Certamente

não menos de 4 000. Só em St.-Cloud se inumaram 1 800 corpos que o rio Sena arrastara para a margem.

No massacre que se seguiu por toda a França, muitos outros milhares sucumbiram. Assim, em Lyon, em 31 de Agosto, 800 mortos foram lançados ao Saône; em Bourges, 8 e 9 de Setembro, houve 300 mortos; em Rouen, 17 de Setembro, 400 mortos.

Segundo Sully, teria havido em toda a França 60 000 assassinados; de Thou refere-se a 40 000; Crespin, o já mencionado autor do *Livre des Martyrs* reduz o número a 15 000. Provavelmente, o seu cálculo não está longe da verdade.

Repercussão no Estrangeiro

A notícia do massacre chegou rapidamente a Roma, onde o Cardial de Lorena declarou que o tinha aconselhado havia já vários meses. Os sinos da cidade repicaram em sinal de regozijo; soou o canhão do Castelo de S. Ângelo; de noite, ardiam fogueiras festivas; solenes *Te Deums* foram cantados em acções de graças. Gregório XIII mandou cunhar uma medalha para comemorar o morticínio, e na *Sala Régia*, do Vaticano, ainda se podem ver as pinturas de Vasari descrevendo o ataque a Coligny, o rei em conselho decidindo a matança e o próprio morticínio.

Gregório XIII enviou a Carlos IX a Rosa de Ouro e o Cardeal de Lorena, ao voltar a França, em nome do clero do reino felicitou publicamente o monarca por este acto e entregou-lhe, da parte da Igreja, a título



Medalha Comemorativa da Matança dos Huguenotes

de agradecimento, um considerável donativo em dinheiro, e além disso 800 000 libras para seu irmão, o duque de Anjou.

Quando o rei de Espanha, Filipe II, soube do ocorrido, escreveu ao seu embaixador em França: «É uma das maiores alegrias de toda a minha vida. Será o maior título de glória do rei meu irmão para a poste-

(Continua na pag. 20)

EM FAVOR DA OBRA EM ANGOLA

por Joaquim A. Morgado

Confiança, eis uma palavra que possui no vocabulário um significado especial. Nós os 36 000 membros da Escola Sabatina de Angola confiamos na ajuda dos nossos irmãos de todo o mundo. Destes 36 000 membros, a maior parte é pobre mas tudo vamos fazer para ultrapassar o nosso alvo.

Temos diante de nós planos para a escola que tanto gostaríamos de possuir no Sul de Angola! Esperamos que isso será uma realidade. Pensamos já no momento em que as suas paredes vão começar a subir, o tecto a cobri-las, o mobiliário a ser colocado no interior e algumas centenas de alunos receberão cada ano a boa influência do Evangelho.

Não gostaríeis de visitar comigo uma dessas escolas? É ainda noite mas no horizonte começam já a aparecer alguns raios de luz. O professor levanta-se, sai de casa onde vive com a família. Uma barra de ferro está suspensa de uma árvore e batendo nesse ferro com um outro, o som vai despertar os rapazes e as meninas que dormem ainda nos dormitórios respectivos. Alguns destes jovens saem do dormitório envoltos pelos cobertores, porque a brisa matinal ainda se faz sentir. Dirigem-se para o local onde há água corrente, a fim de se lavarem. Nalgumas escolas onde a água fica longe, podemos imaginar o género de toilette matinal ...

Seguidamente dirigem-se para a capela, quando há capela, para o culto matinal. Começam-se então a fazer ouvir cânticos. Depois de estudar a lição da Escola Sabatina oram todos em conjunto.

De regresso aos dormitórios tomam os livros e a «sineta» faz-se novamente ouvir, lembrando que está na hora de começar as aulas. Isso para aqueles que têm aulas de manhã, indo os outros trabalhar. No horário encontramos que a classe de Bíblia vem em primeiro lugar, seguida de um programa de preparação para os exames oficiais.

Entretanto, nos campos, trabalha-se na terra para que seja cultivado o milho, a mandioca, os feijões, etc. Ao lado, pequenos canteiros de legumes são cultivados bem como árvores de fruto.

É possível que vos interroguéis: mas será que esqueceram o pequeno almoço? Nor-

malmente há duas refeições entre os nativos: uma ao meio-dia e outra à noite. Ainda não foi possível modificar-lhes esse costume.

Ao meio-dia os alunos correm com os seus pratos para a cozinha. A alimentação consta normalmente de farinha de milho ou mandioca acompanhada de outro prato de feijões secos e alguns legumes. Ficareis admirados se tivésseis ocasião de ver a quantidade de comida que levam nos pratos. Contudo não tarda a desaparecer.

O programa da tarde é o mesmo. Os que trabalharam de manhã estudam, e os outros vão para os campos.

Estão sendo organizadas algumas pequenas indústrias a fim de fazer face às despesas de escolaragem.

As meninas têm também cursos de arte doméstica. Depois do jantar, reúnem-se de novo na capela para o culto vespertino. O Sábado é um dia especial. As roupas são mais bem apresentadas e os livros são guardados. A Escola Sabatina, o culto, a reunião M. V., as saídas missionárias, preenchem o programa. A Classe Baptismal funciona com um bom número de jovens.

Ao Domingo à tarde organizaram-se alguns jogos ao ar livre.

Eis o programa quotidiano numa escola do mato, dirigida por professores africanos.

Quantos jovens continuam os seus estudos na nossa Escola Secundária ou no Instituto do Bongo? Cerca de 50 %. Alguns ficam pelo caminho, trabalhando na agricultura ou noutras actividades. Outros procuram escolas especializadas que nós não possuímos.

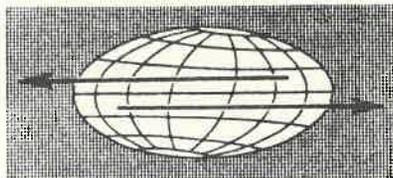
Quanto mais tempo estudarem nas suas próprias aldeias, tanto mais possibilidades terão de permanecer firmes à Palavra de Deus. Perdemos muitos jovens quando estes vêm estudar e trabalhar para as cidades, pois as tentações são de tal maneira grandes que uma boa parte não resiste a elas.

É pois com confiança que apelamos para os irmãos do mundo inteiro na certeza que nos ajudarão a construir uma escola que será composta de:

- a) Um edifício com duas salas de aula;
- b) Um dormitório para rapazes;
- c) Um dormitório para meninas;
- d) Duas casas para professores.

Podeis imaginar um imenso terreno coberto de vegetação africana e ao lado um

(*Continua na pag. 18*)



Através do Mundo Adventista

Seminário de Collonges

«Somos o bom cheiro de Cristo.» Tal é o lema que foi escolhido no Seminário de Collonges para o ano escolar de 1972-1973. A família escolar conta este ano 247 alunos, 95 dos quais seguem os cursos de Teologia. A Classe de Finalistas de 1973 compõe-se de 31 alunos, 20 dos quais são estrangeiros em relação à França. O projecto do novo dormitório das meninas já está concluído. Começarão os trabalhos de construção logo que as últimas autorizações tenham sido obtidas.

E. E. White

IRLANDA DO NORTE

A Obra prossegue no meio de bombas e balas

A obra dos adventistas do sétimo dia, como a de muitas outras pessoas e instituições na Irlanda do Norte, continua a ser afectada pela situação política daquele país. Mas, apesar disso, a obra prossegue.

Recentemente, pela segunda vez este ano, as janelas da casa de C. M. Rhodes foram estilhaçadas quando uma bomba, que se destinava sobretudo aos vizinhos escritórios da Comissão de Desenvolvimento de Londonderry, explodiu junto do vizinho Russell Court Hotel, há pouco inaugurado. Quando eu estava apanhando com uma pá os estilhaços junto da porta da igreja, veio um representante do hotel perguntar acerca dos prejuízos sofridos pela igreja e me disse que estavam calculados em perto de dois milhões de libras os prejuízos sofridos pelo hotel. Além disso houve ainda extensos prejuízos sofridos por três hospitais e dezenas de casas. No templo adventista, recentemente decorado, apareceram brechas nas paredes. As janelas partidas põem um problema, pois é quase impossível encontrar vidro na Irlanda do Norte.

Quando começaram os distúrbios a poucos metros da nossa igreja na até então sossegada vila de Larne, foram queimadas casas, mais de 20 pessoas ficaram perdidas, e um jovem protestante foi morto. A nossa igreja não sofreu dano algum.

Estão-se fazendo planos para um programa de MISSÃO 73 na Irlanda do Norte. Ao continuarmos a testemunhar em favor do caloroso povo irlandês nas suas vilas e cidades flageladas por bombas e entre as suas verdes colinas, sabemos que as orações do nosso povo em todo o mundo estão subindo a nosso favor.

Victor H. Cooper
Presidente da Missão
Irlandesa

NOVA IORQUE

Congresso de Juventude Portuguesa

Mais de 200 jovens portugueses e brasileiros estiveram reunidos em Camp Berkshire, Nova Iorque, num congresso M. V., de 26 a 29 de Maio. José Siqueira, pastor de New Bedford, Massachusetts, igreja luso-brasileira, e os seus associados M. V., João Paixão e Sebastião Ceribelli, organizaram as reuniões. Leo Ranzolin, secretário associado do Departamento M. V. da Conferência Geral, falou na sexta-feira à noite, e M. S. Nigri, vice-presidente da Conferência Geral, apresentou a mensagem no sábado de manhã a uma assembleia de 312 pessoas.

Constituíram momentos altos do congresso a participação de H. Feyerabend e Malcom Gordon. O Pastor Feyerabend, evangelista do Brasil, presentemente no Canadá, ganhou muitas pessoas para a igreja no Brasil. O Pastor Gordon é o dirigente da juventude da Conferência Sul da Nova Inglaterra. Sob a direcção de Leo Ranzolin, dez grupos discutiram muitos dos problemas que os jovens portugueses e brasileiros enfrentam hoje. Foram tomadas importantes resoluções no sentido de incentivar um intercâmbio de membros de terras distantes nos Estados Unidos, salientando a necessidade de levarem a mensagem às pessoas da sua categoria social. Foi igualmente salientado que só em New Bedford há 100 000 portugueses. Foi expresso o desejo de que seja impressa mais literatura em português.

Entre os presentes no congresso encontrava-se também L. L. Reile, presidente da Conferência de Nova Iorque, S. R. Jayne,

presidente da Conferência Sul da Nova Inglaterra, Wayne Griffith e LeRoy Taylor, secretários M. V. das conferências do Atlântico e de Nova Iorque.

Estiveram presentes igualmente representantes do Canadá, da Universidade de Andrews e de Washington. J. M. Miranda trouxe consigo representantes das igrejas portuguesas de New Jersey e Nova Iorque.

Há quatro igrejas luso-brasileiras nos Estados Unidos, com um total de 300 membros. O total de membros de língua portuguesa nos Estados Unidos é de cerca de 1000.

Leo Ranzolin

A primeira família adventista baptizada em Goa

Uma família goesa tornou-se adventista do sétimo dia. Foram as primeiras pessoas de Goa a unir-se à Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A obra dos adventistas do sétimo dia iniciou-se em Goa apenas em 1962, quando um ministro adventista ali começou a trabalhar, um ano depois de esta província ultramarina portuguesa ter sido anexada pela Índia.

Goa, na costa ocidental da Índia, 450 quilómetros ao sul de Bombaim, tem apenas uns 90 quilómetros de costa marítima, mas é um florescente enclave que é ainda conhecido como sendo a Roma do Oriente.

Pouco depois da sua anexação, os adventistas enviaram N. G. Mookerjee para Goa. O enclave tem sido um território difícil de trabalhar, mas as sementes da verdade têm sido lançadas à terra.

A Igreja Adventista foi a primeira denominação não-católica

(Continua na pag. 16)



A primeira família adventista de Goa

HISTÓRIA DO MÊS



DONA GENOVEVA

De certo não-de imaginar que Dona Genoveva era qualquer senhora já idosa. Se assim é, estão muito enganados. Dona Genoveva era uma belíssima boneca de trapo! Era a companheira de Rosa Maria lá na China, onde Rosa Maria vivia com seus pais que eram missionários. Rosa Maria admirava muito Dona Genoveva e tinha-lhe muito amor. Para onde quer que fosse levava sempre Dona Genoveva, e sem ela não podia dormir. Ao acordar pela manhã, a primeira coisa que fazia era dar um grande abraço a Dona Genoveva.

Mas antes de mais, vou descrever a tal Dona Genoveva. Era tão grande que usava as roupas de Rosa Maria quando bebé. Era fofa, e dava gosto abraçá-la. Tinha uma bela cabeça, com cararóis loiros, pintados, dois belos olhos azuis, um nariz encantador, e uns lábios vermelhos, sempre sorridentes. E, vou dizer, muito em segredo, o seu interior era de algodão em rama, o que fazia com que fosse tão agradável abraçá-la.

Dona Genoveva tinha corrido meio mundo em viagens. Quando os pais de Rosa Maria foram em gozo de férias, levaram-na com eles, claro está, e ela levou também Dona Genoveva. Tinha Rosa Maria quatro anos, atravessaram a Sibéria de comboio, e visitaram muitas e lindas cidades na Rússia, na Alemanha e na França. Depois seguiram para o Canadá, e, de regresso à China visitaram também o Japão. Se Dona Genoveva soubesse falar, poderia ter dado boas lições de Geografia!

Na China Dona Genoveva levava vida regalada. Passeava com Rosa Maria num «rixca», ou num carro de mão chinês. Outras vezes iam de barco. Muito gozavam as duas, na companhia uma da outra!

Mas agora vou contar como se deu uma grande mudança na vida de Dona Genoveva. Perto da casa dos pais de Rosa Maria havia um asilo para meninas chinesas. Eram crianças que nunca tinham conhecido a vida dum lar até que pessoas bondosas, por amor do Senhor Jesus Cristo, as recolhe-

ram no tal asilo onde reinava muita alegria. Algumas tinham vindo de sítios onde dominava a fome, outras tinham sido vendidas pelos pais. Vendidas! que mal que soa tal palavra! Mas muitas vezes os pais estavam a passar fome, e sabiam que a sua filha acabaria por morrer de fome e frio. Esperavam talvez que quem a comprasse trataria bem a petiza; mas nem sempre isso acontecia. Pelo contrário, podia muito bem ser que a tratassem muito mal. As escravazinhas eram tantas vezes cruelmente tratados por seus amos! Por vezes descobria-se e conseguia-se salvar as pequenas das garras dos donos cruéis. Em outros casos eram as petizas que fugiam, e pessoas bondosas, talvez polícias chineses, encontravam-nas e conduziam-nas para o tal asilo.

Aproximava-se o Natal. Era hábito dos pais de Rosa Maria levarem-na ao asilo no dia de Natal, de manhã, para ajudar na festa das crianças. Quando o Natal se aproximava, Rosa Maria costumava pedir a todas as pessoas amigas dinheiro ou brinquedos para a árvore de Natal da petizada. Cada criança recebia um vestido chinês novo, um sabonete de cor, e um brinquedo. Rosa Maria e a sua mãe, trabalhavam nos preparativos para a festa, e todas as noites quando fazia oração, Rosa Maria pedia: «Ó Jesus, por favor, arranja brinquedos para todas as criancinhas do asilo».

Certa noite, tendo ela terminado a oração, a mãe disse-lhe:

— Rosa Maria, que vais tu dar para a Árvore de Natal?

— Eu só tenho seis escudos mesmo meus, e tenho de comprar presentes para si e para o paizinho.

— Mas, Rosa Maria, tens muitos brinquedos! Não poderias dar um dos melhores, uma boneca, por exemplo?

Rosa Maria no fundo não era egoísta, mas parecia-lhe que pedindo coisas aos outros já fazia a sua parte. Hesitou um pouco.

Depois disse:

— Sim, naturalmente podia. Mas, dos melhores?! Acha que devo dar Dona Genoveva?

— Isso é contigo, mas lembra-te do que disse Jesus: «Quando fizestes a um dos Meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes.» Compreendes isto, não é verdade, Rosa Maria?

— Sim — respondeu.

Naquela Noite Rosa Maria teve dificuldade em adormecer. Passado algum tempo ouviu-se uma vozinha chamar:

— Mamã, mamã, venha cá, por favor.

A mãe foi, e Rosa Maria disse:

— Chegue aqui, mamã, que quero dizer-lhe um segredinho.

A mãe aproximou-se mais, e a menina disse:

— Mamã, eu não posso dar a Dona Genoveva! Não posso. Não posso! Mas tenho a Hermengarda: é uma linda boneca, com cabelo verdadeiro. Posso dá-la, não posso?

— Dá o que quiseres, filhinha. Quem dá és tu. Mas lembra-te do que é o Natal: Deus deu o Seu único Filho!

E a mãe beijou Rosa Maria e retirou-se. Ela bem sabia que a filhinha nunca tinha gostado da boneca Hermengarda. Nos três ou quatro dias seguintes, Rosa Maria andou muito pensativa. Aproximava-se cada vez mais o Dia de Natal, e ela e a mãe continuavam fazendo todo o possível para angariar donativos para a Árvore. Certa noite, já Rosa Maria estava deitada quando a mãe ouviu dizer e repetir: «Senhor Jesus, obrigame a fazer isto.»

Na manhã seguinte foi ter com a mãe, levando ao colo a sua querida Dona Genoveva.

— Aqui está, mamã, tenho de dar a Dona Genoveva ao Senhor Jesus.

Como era natural a mãe teve pena da sua filhinha, e disse:

— Tens a certeza que a queres dar? Não queres dar antes a Hermengarda?

— Não. Deus amava a Jesus e mandou-O ao mundo. Eu não tenho amor à Hermengarda; tenho de dar a Dona Genoveva!

— Muito bem! Vamos então lavar-lhe as roupas e pôr-lhe uma fita nova, para ficar muito asseadinha e muito chique.

Feito isto, o pai retocou com tintas o cabelo, os olhos e a boca da boneca, e ela ficou muito bonita.

Chegou a manhã do dia de Natal e lá foi Rosa Maria com seus pais para o asilo. No pátio lá estava uma linda e enorme Árvore

de Natal, carregada de brinquedos e pacotes, maçãs e laranjas, e, num dos ramos maiores, Dona Genoveva. Como se via bem, e que linda estava!

Algumas das crianças que miravam a Árvore boquiabertas nunca até aquele dia tinham gozado um Natal. Antes de irem para o asilo nem sequer tinham ouvido falar de Jesus, de modo que do Natal nada sabiam.

Entre elas havia uma pequenita que tinha chegado na véspera. Era muito magrinha e pálida e o seu corpinho tinha muitas e muitas marcas negras. As professoras chinesas e inglesas tinham feito o possível para lhe arrancar um sorriso, mas em vão. Parecia cheia de medo. As outras crianças também procuravam animá-la dizendo-lhe que não tivesse medo porque todos lhe queriam bem. Mas ela não podia acreditar.

Daí a pouco entrou no pátio o Pai Natal com a sua tradicional capa vermelha e a comprida barba branca, a sorrir para todos. Era o pai de Rosa Maria. A tal petizinha ficou ainda mais assustada, e fugiu para o canto mais afastado do pátio.

O Pai Natal começou a tirar os objectos da Árvore, e uma professora chinesa chamava os nomes das meninas para quem eles eram. Rosa Maria não tinha mãos a medir, pois ajudava a entregar os brinquedos e os pacotes.

Chegou a vez da Dona Genoveva. O pai tirou-a da Árvore e pô-la nos braços de Rosa Maria, que logo a abraçou com o maior carinho.

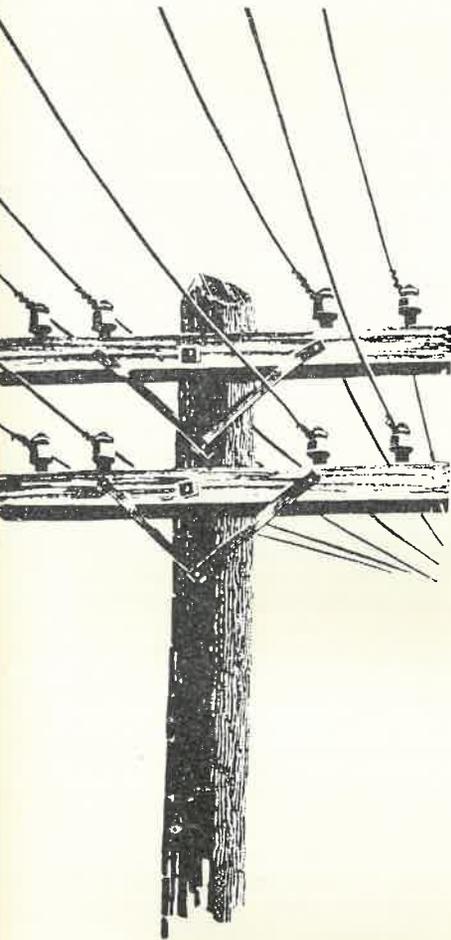
— Rosa Maria — disse o Pai Natal — esta boneca é para aquela petiza lá no canto. Ela com certeza nunca na sua vida teve uma boneca ou qualquer brinquedo. Queres levar-lha?

A professora chinesa deu a mão a Rosa Maria e foram juntas ter com a petizinha. A professora disse-lhe que a menina inglesa queria oferecer-lhe a boneca para ser mesmo sua. Rosa Maria colocou-lhe a Dona Genoveva nos braços, e pareceu mesmo que a boneca lhe sorriu naquele instante. De repente a petiza pareceu começar a compreender que não havia razão para sustos. Deu um grande abraço à Dona Genoveva, e... sorriu também!

Naquela noite Rosa Maria sentiu muito a falta de Dona Genoveva, mas abraçou a Hermengarda, e não tardou a adormecer, contente e feliz por ter dado ao Senhor Jesus o que tinha de melhor, e de mais querido.

E. R. Holden

NOTÍCIAS DO CAMPO



Henrique Berg

Vindo da Suíça, passou por Lisboa, em 19 de Novembro, o Pastor Henrique Berg, presidente da recém-nascida União de Moçambique, que se dirigia ao seu novo campo de trabalho.

Juvenal Gomes

Em 20, partiu para Angola o Pastor Juvenal Gomes, secretário-tesoureiro da União Angolana.

Isaque Diamantino Tadeu

No mesmo dia, partiu, também para Angola, o Pastor Isaque Diamantino Tadeu, presidente do Campo Missionário do Bongo.

João Belo dos Santos

Em 21, partiu para Moçambique o Pastor João Belo dos Santos, secretário-tesoureiro da União Moçambicana.

Samuel Monnier e David Vasco

Em 8 de Dezembro, chegaram a Lisboa os Pastores Samuel

Monnier e David Vasco, respectivamente presidente e secretário-tesoureiro da União Sul-Europeia, com sede em Roma, que vieram tomar parte nos trabalhos do Conselho Anual da Associação, reunido de 10 a 12 de Dezembro. Seguiram para Madrid no dia 14.

Armandina Lobato

Após o falecimento de seu filho Jorge, a que fazemos referência noutro local, regressou a Cabo Verde, em 10 de Dezembro, a irmã Armandina Lobato, esposa do Ir. Manuel Lobato, pastor da igreja do Fogo.

OLIVEIRA DO DOURO

É sempre motivo de grande alegria para nós, quando podemos através das páginas da nossa revista, contar a maneira tanto amorosa quanto maravilhosa como Deus conduz o seu povo, e colabora com ele na salvação das almas.

Não será porventura um grande milagre que de inimigos que nós éramos de Deus, nos tornássemos Seus amigos, Seus colaboradores e mais ainda Seus filhos!

É a este grande privilégio que Deus chama toda a alma sincera. E foi assim que respondendo a este apelo seis preciosas

almas selaram o seu pacto com Deus dando testemunho público da sua fé, descendo em seguida às águas baptismas no dia 1 de Julho passado.

Nestes momentos de festa para a Igreja, tivemos connosco o pastor Fernando Mendes que fez o exame aos candidatos, e que, no final da cerimónia dirigiu um vibrante apelo ao qual responderam cerca de vinte pessoas, com as quais temos estado a trabalhar e, esperamos, com a ajuda de Deus, que, brevemente algumas delas se entregarão nas mãos do Senhor.

Muito nos apraz registar que destas seis almas duas são as primícias do trabalho em Vila Nova de Gaia.

Oxalá elas sejam as primícias de uma grande colheita, nesta importante vila do norte. Estamos trabalhando para isso e não temos dúvidas de que o Senhor coroará de êxito todo o nosso esforço. Eis a Sua promessa. Assim será a palavra que sair da Minha boca. Ela não voltará para Mim vazia antes fará o que Me apraz e prosperará naquilo para que a envieie (Isaías, 55 : 11).

Experiência

A todos os prezados leitores desejaria relatar uma experiência interessante ocorrida com o



Oliveira do Douro — Primícias de V. N. de Gaia



Oliveira do Douro — Respondendo ao apelo do Pastor Fernando Mendes

nosso prezado irmão Alexandre Gonçalves (um dos recém-baptizados).

Este nosso irmão é 1.º cabo da Guarda Nacional Republicana e pertence a uma secção de cavalaria. Antes de se baptizar, já o nosso irmão era um fiel observador do Sábado tendo passado, por isso, por um difícil problema mas que o Senhor resolveu de maneira maravilhosa e mesmo miraculosa.

O dia 10 de Junho (que é o dia da Pátria) este ano calhou precisamente no dia de Sábado. A secção a que o nosso irmão pertencia, estava assim designada para fazer parte duma parada militar em comemoração deste mesmo dia. Consciente da sua responsabilidade para com Deus e para com os homens, o irmão Alexandre encontrava-se em face de um terrível problema. Que iria ele fazer? Resolveu colocar o problema nas mãos de Deus. Orou fervorosamente e confiou no Senhor. Que sucedeu então? Aconteceu algo que ainda nunca tinha acontecido. Precisamente na quinta-feira antes, isto é, no dia oito de Junho todos os cavalos apareceram doentes (e assim se mantiveram durante alguns dias) sendo o cavalo que pertencia ao nosso irmão de todos o que se encontrava em pior estado.

Dizia-me o nosso irmão que dois ou três cavalos é normal aparecerem doentes mas todos os cavalos ao mesmo tempo, nunca tal tinha acontecido. Assim o Senhor respondeu à oração do nosso irmão, permitindo-lhe que estivesse livre no dia de Sábado. Que esta experiência nos sirva de estímulo para orarmos

mais fervorosamente ao Senhor com a certeza de que Ele atende às necessidades individuais dos seus filhos.

Casamentos

No dia 26 do passado mês de Abril uniram as suas vidas numa promessa de amor eterno os jovens António David e Ester Cardoso da igreja de Oliveira do Douro, Alberto Fernando e Maria Augusta da igreja de Avintes. Presidiram à cerimónia respectivamente o pastor Baião e o pastor Mendes. As igrejas apresentavam um ar verdadeiramente festivo e acolhedor o que justificava a presença de uma numerosa assistência. Aos novos lares desejamos muitas felicidades e bênçãos dos Céus.

J. Casaquinha

ESPINHO

Durante 15 dias consecutivos Espinho viveu sob um fortíssimo reavivamento espiritual. Segundo o testemunho de irmãos mais antigos, nunca se viu tal despertar nesta vila.

Depois de uma semana de admiráveis mensagens que constituíram a Semana de Oração e Sacrifício, em que todas as noites a sala se encontrava repleta de crentes e muitas visitas; sob uma direcção primorosa, em que a maioria dos irmãos da Igreja tiveram o privilégio de dar a sua colaboração; seguiram-se 9 dias inolvidáveis, com conferências do Pastor António Baião, sob o signo da *Voz da Esperança*, acerca das quais se fez uma bem planeada publicidade, quer pela

imprensa, quer pela rádio, (nos «Emissores do Norte Reunidos»), quer pela distribuição de milhares de convites, em que a maioria dos nossos jovens cheios de boa vontade e zelo pela causa de Deus, bem como os adultos, colaboraram, indo levar os convites porta a porta, entregando-os pessoalmente e secundando-os com apelos pessoais. Como resultado, podemos dizer que todas as noites estavam entre 70 e 90 visitas, que com os irmãos que estiveram sempre presentes perfaziam um número elevado para cada noite. O total elevava-se a cerca de 250 pessoas, não contando com cerca de 70 crianças, que se reuniam no salão do rés-do-chão por não poderem estar em cima.

Havia uma atracção desusada, pois o programa do Pastor Baião era de molde a cativar a assistência. Noites de chuva copiosa que chegamos a pensar poucos viriam, a sala se enchia totalmente. O esforço dos nossos irmãos com carro foi extraordinário, pois não se pouparam a esforços para em noites de muita invernía levarem as pessoas a suas casas, visto já àquela hora não haver transportes públicos.

No último dia, as coisas passaram-se de tal modo que jamais nos esqueceremos. Mais de 300 pessoas (para um salão que não comporta mais de 200) estavam presentes. Ao apelo feito de dentro do batistério pelo Pastor Baião juntaram-se à sua volta à frente cerca de 90 pessoas. Verdadeiramente o Espírito Santo esteve presente. Muitos choravam de comoção pela cena que se estava a passar. Foi maravilhoso vermos descer às águas do baptismo 11 almas e mais duas de Aveiro, acompanhadas pelo seu Pastor, nosso irmão José Manuel de Matos. Destas 11 pertencentes a Espinho, foi com alegria que vimos uma de Oliveira de Azemeis. Assim o nosso pequeno grupo daquela vila fica agora a contar com mais um



Espinho — Cerimónia baptismal



*Espinho — Monitoras e alunos da Escola
Cristã de Férias*

crente. Louvado seja Deus, como foi possível! Como estamos agradecidos ao nosso Pai Celeste, pelo que se realizou! Agradecemos também ao Pastor Baião por tudo o que fez, pelos assuntos que trouxe até nós. «Jesus está cá e chama-o...!» — este era o tema, que focou noite após noite. Cristo — Sua personalidade, em Belém, em Nazaré, em Betânia, com Nicodemos, no Monte das Oliveiras, com Pilatos e no Jordão.

A Igreja de Espinho está agradecida ao Senhor nosso Deus, e ao Pastor Baião que foi o homem pelo qual Deus tornou isto possível.

Um obrigado muito particular do pastor da Igreja de Espinho ao caro amigo Baião. Que o Senhor o inspire sempre nos seus sermões tal como pudemos constatar aqui em Espinho. São os votos e a oração do pastor da Igreja de Espinho.

Adelino Nunes Diogo

AVEIRO

Construção da Sala de Culto de Vila Nova de Monsarros

Vila Nova de Monsarros! Que pensamentos poderá despertar na grande maioria dos leitores o nome deste humilde e agreste lugar? Todavia, para alguns que, agora mesmo, estão lendo esta notícia, Vila Nova de Monsarros significa: terra de lutas, ódios, ameaças e graves perseguições à Obra Adventista.

Vila Nova de Monsarros é uma aldeia situada no extremo su-

deste do distrito de Aveiro, já voltada para Coimbra e distante cinco quilómetros das conhecidas termas do Luso.

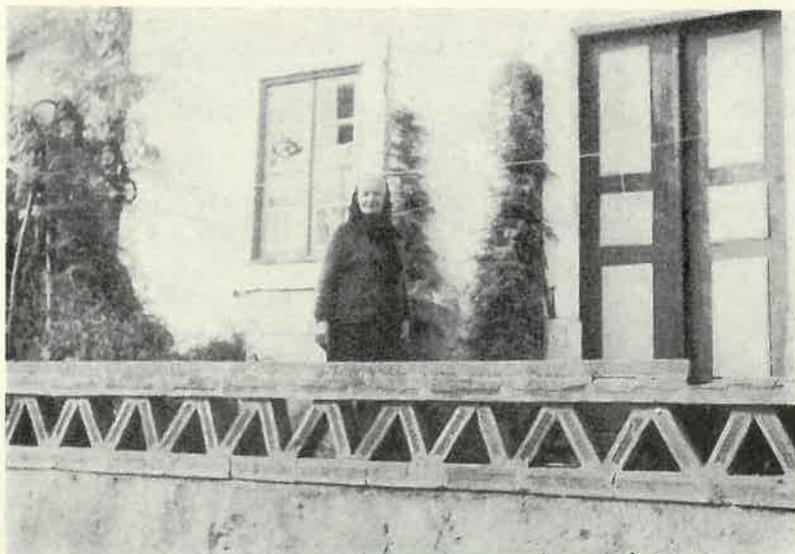
Decorria o ano de 1956 quando surgiram os primeiros contactos naquela aldeia. Vivia ali a família da conhecida Irmã Carmen Sala. Foi na casa de seu pai que se deu início aos estudos da Bíblia sob a direcção do então Pastor da Igreja de Coimbra, o Ir. M. Viegas.

Como reagiu o povo do lugar quando souberam que um «pastor protestante» estava dirigindo reuniões para o estudo da Bíblia ali na sua própria terra?

Desde o primeiro instante começaram a surgir graves difi-

culdades. A notícia das reuniões propagou-se rapidamente por todo o lugar. Ela era a conversa de todo o dia, por toda a parte, feita por toda a gente. Os ânimos foram-se exaltando. Soavam as ameaças. Architectavam-se planos violentos contra todos os que prosseguissem em assistir às reuniões. Apesar de tremendas dificuldades, os estudos continuavam animosamente e a fé frutificava muito no meio das perseguições. Algumas pessoas receberam o baptismo e o pequeno grupo começou a crescer. Passado algum tempo, o Pastor Viegas e o seu pequeno rebanho de Vila Nova sentiram-se inspirados a construir uma salinha de Culto devido às dificuldades de se manterem naquela casa e porque ia crescendo o interesse pelo Evangelho.

Quando este plano se tornou mais conhecido foi como um ras-tilho que alcançou toda a aldeia. O resultado imediato foi que recrudesceram as perseguições. Chegaram a juntar-se no trajecto para insultar o Pastor tocando latas e ameaçando-o de lhe tirarem a vida. Iam esperar os membros da Igreja às suas portas no intuito de os amedrontarem, visando que eles não se encaminhassem para o Culto. E quando os crentes caminhavam em direcção ao lugar das reuniões eram acompanhados pelo gentio que com muitos gestos e gritos os queriam persuadir a abandonar a sua nova Fé. Os acontecimentos precipitaram-se. Havia que tomar providências. Foram feitos contactos no posto da G.N.R. em Anadia — a vila de maior importância mais chegada a Monsarros — no intuito de conseguir



V. N. Monsarros — Velha casa onde durante anos se reuniram os crentes

O novo Secretário Geral do Conselho Mundial das Igrejas

Por um voto unânime do seu Conselho Central em Utrecht, no passado mês de Agosto, o Conselho Mundial das Igrejas escolheu o Reverendo Philip Alford Potter, de 51 anos, para suceder ao Dr. Eugene Carson Blake como seu secretário-geral.

Potter é um preto da ilha de S. Domingos, Índias Ocidentais. Com 1,82 m de altura e antigo campeão atlético, ele foi educado no Colégio Teológico Unido, da Jamaica, e na Universidade de Londres.

O novo chefe executivo defende calorosamente a participação do Conselho Mundial das Igrejas no programa anti-racista, nos assuntos internacionais, na missão industrial urbana, no auxílio e desenvolvimento interclesiástico, contra a acusação de que tudo isso tende a dividir os cristãos.

Potter é um estudante da Bíblia na tradição de Karl Barth. Ele condimenta liberalmente os seus discursos com ilustrações escriturísticas. Subscreeve a chamada teoria documentária. Atribui o livro de Génesis, por exemplo, a escritores do século V antes de Cristo, e considera algumas narrativas bíblicas como sendo mitos.

Numa entrevista, Potter procurou dar vagas ou ambíguas explicações das suas crenças doutrinárias. Ele diz que não é um universalista quanto à salvação e que um «ponto pessoal de referência» deve ser estabelecido com Cristo. Admite diferentes «expressões e estilos» nesta vida de relação com Cristo ...

Acima de tudo, Potter — também estudante de história — crê que fé e acção estão inseparavelmente ligados. «Cada novo homem em Cristo é uma promessa de renovação da sociedade», diz ele, declarando que Cristo salva o homem não para que possa fugir do mundo, mas para que possa «mais genuinamente envolver-se como pessoa autêntica». Ser por Cristo, acrescenta, «é ser pela humanidade».

A pergunta que se põe ao Conselho Mundial das Igrejas, diz Potter, é se «podemos viver com a tensão entre fé e acção ... em arrependimento, fé e alegria.»

Christianity Today, 15 de Setembro de 1972.

Janeiro de 1973

CALENDÁRIO DA IGREJA

Dias

- 6 — Compromisso e Planos para Ganhar Almas
- 13 — Dis Especial dos Leigos
- 20-27 — Campanha da Liberdade Religiosa
- 27 — Oferta para Liberdade Religiosa

TABELA DO PÔR-DO-SOL

Dias	Lisboa	Funchal	P. Delgada
5	18:29	19:13	17:38
12	18:36	19:21	17:45
19	18:44	19:27	17:52
26	18:51	19:35	18:01

DEVOÇÃO MATINAL

- Seg. 1 — Riquezas que podeis reclamar e partilhar
- Ter. 2 — Onde a Sabedoria começa
- Qua. 3 — Buscai «de todo o vosso coração» (Jer. 29:13)
- Qui. 4 — Glorioso mistério — Cristo em vós
- Sex. 5 — Cristo, a Palavra eterna
- Sáb. 6 — O grande EU SOU de toda a eternidade
- Dom. 7 — Coobreiro com o Pai em criar o homem
- Seg. 8 — Tragédia no Éden
- Ter. 9 — Onde o pecado começou
- Qua. 10 — Que o Senhor ponha em vosso coração inimidade pelo pecado
- Qui. 11 — O remédio para o pecado
- Sex. 12 — Quando ainda éramos pecadores
- Sáb. 13 — Insondável amor
- Seg. 15 — Cristo, a escada mística
- Dom. 14 — Isaque uma figura de Cristo
- Ter. 16 — Moisés, o libertador, uma figura de Cristo
- Qua. 17 — A rocha ferida, uma figura de Cristo
- Qui. 18 — Cristo, a água viva
- Sex. 19 — Deus em carne humana
- Sáb. 20 — Nascido como um bebé em Belém
- Dom. 21 — Uma luz para os jovens
- Seg. 22 — Estamos nós ocupados com os negócios de nosso Pai?
- Ter. 23 — Guardai o Salvador convosco
- Qua. 24 — O ideal para toda a humanidade
- Qui. 25 — Porque foi Jesus baptizado?
- Sex. 26 — Como enfrentou Jesus a tentação?
- Sáb. 27 — Uma vida esm pecado
- Dom. 28 — Cristo venceu na nossa natureza
- Seg. 29 — Deixou o Céu por nós
- Ter. 30 — Quão grande a Sua condescendência!
- Qua. 31 — «Obediente até à morte»

ANO BÍBLICO

Génesis 1 a Êxodo 40

